

PERCEPÇÃO DOS ADOLESCENTES DE UMA ESCOLA ESTADUAL SOBRE A GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA

PERCEPTION OF ADOLESCENTS AT A STATE SCHOOL ON PREGNANCY IN ADOLESCENCE

**Aline Oliveira da Silva¹, Amanda de Souza Brondani², Camila Freitas Hausen³,
Laís Ferreira⁴, Angélica Vasconcellos Trindade⁵ e Eliara Pinto Vieira Biaggio⁶**

RESUMO

Objetivo: analisar as percepções dos adolescentes acerca da gravidez na adolescência. **Método:** pesquisa do tipo transversal, observacional, analítica, descritiva e quantitativa, realizada com alunos do 9º ano de uma escola estadual no interior do Rio Grande do Sul. A coleta de dados ocorreu por meio de questionário semiestruturado, auto preenchível e anônimo com questões fechadas. A análise se deu através de estatística descritiva e estudo descritivo com o Teste qui-quadrado. **Resultados:** uma porcentagem alta de adolescentes teve relação sexual aos 14 anos e acreditam que o método contraceptivo mais confiável é o preservativo. O abandono dos estudos foi a principal mudança apontada diante de uma gravidez e o medo o principal sentimento. **Considerações Finais:** 47% dos participantes já tiveram relação sexual e a maioria iniciou aos 14 anos. O preservativo masculino foi considerado o método mais confiável entre os adolescentes e 93% dos participantes referiram que ambos os gêneros têm responsabilidade de prevenir uma gravidez.

Palavras-chave: Gravidez na adolescência; Identidade de Gênero; Sexualidade.

1 Assistente Social Graduada pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Especialista em Gestão e Atenção Hospitalar no Sistema Público de Saúde - Ênfase Materno Infantil. Pós-Graduada em Saúde Mental pela Universidade Franciscana (UFN). E-mail: lineoliveiradasilva@hotmail.com.

2 Fisioterapeuta Graduada pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Especialista em Gestão e Atenção Hospitalar no Sistema Público de Saúde - Ênfase Materno Infantil. Pós-graduanda em Fisioterapia em UTI Neonatal e Pediátrica (Centro Universitário UniRedentor-RJ). Mestranda no Programa de Pós-graduação em Ciências da Saúde - Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: mandabrondani@gmail.com.

3 Enfermeira Graduada pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Especialista em Gestão e Atenção Hospitalar no Sistema Público de Saúde - Ênfase Materno Infantil. Mestranda no Programa de Pós-graduação em Enfermagem da UFSM. Integrante do Grupo de Pesquisa «Saúde do Neonato, Criança, Adolescente e Família - CRIANDO», da UFSM. Pós-graduanda em intensivismo pediátrico e neonatal (2021). Enfermeira assistencial na Maternidade do Hospital De Caridade Dr. Astrogildo De Azevedo (HCAA). E-mail: camilafht@hotmail.com.

4 Fonoaudióloga graduada pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Mestre em Distúrbios da Comunicação Humana pela UFSM. Doutoranda do Programa de Distúrbios da Comunicação Humana na UFSM. Membro do Núcleo de Estudo e Pesquisa em Audição Infantil (NEPAI). E-mail: laaisferreira@hotmail.com.

5 Enfermeira graduada pela Universidade Franciscana (UFN). Especialista em Fisiologia Humana, aplicada às Ciências da Saúde pela Universidade Estácio de Sá. Mestranda no Programa de Pós-graduação em Gestão de Organizações Públicas da UFSM. Cogestora do Programa de Residência Multiprofissional em Gestão e Atenção Hospitalar, áreas de concentração Saúde do Adulto com ênfase em Doenças Crônicas, Saúde da Mulher e da Criança e Hemato-oncologia. E-mail: angelica.vt@hotmail.com.

6 Fonoaudióloga graduada pela Universidade Federal de Santa Maria (2003), mestrado em Distúrbios da Comunicação Humana pela Universidade Federal de São Paulo (2006) e doutorado em Ciências pela Universidade Federal de São Paulo (2011). Docente da Universidade Federal de Santa Maria, atuando na Graduação em Fonoaudiologia, no Programa de Pós-graduação em Distúrbios da Comunicação Humana (mestrado e doutorado) e no Programa de residência multiprofissional integrada em gestão e atenção hospitalar no sistema público de saúde (área de concentração Materno-Infantil). E-mail: eliarapvb@gmail.com.

ABSTRACT

Objective: to analyze the adolescents' perceptions about teenage pregnancy. **Method:** cross-sectional, observational, analytical, descriptive and quantitative research, carried out with 9th grade students from a state school in the interior of Rio Grande do Sul. Data collection took place through a semi-structured, self-filling and anonymous questionnaire with questions closed. The analysis was done through descriptive statistics and descriptive study using the Chi-square test. **Results:** a high percentage of adolescents had sex at the age of 14 and believe that the most reliable method of contraception is the condom. Dropping out of school was the main change identified in the face of pregnancy and fear was the main feeling. **Final Considerations:** 47% of the participants have already had sexual intercourse and the majority started at 14 years old. The male condom was considered the most reliable method among adolescents and 93% of participants reported that both genders have a responsibility to prevent pregnancy.

Keywords: Teenage pregnancy; Gender identity; Sexuality

INTRODUÇÃO

A adolescência é considerada uma fase de muitas modificações, marcada por transformações nos aspectos biopsicossociais, que acarretam mudanças físicas, interações sociais distintas e o surgimento de novos interesses. Em geral, os adolescentes apresentam uma busca pela autonomia em decisões, ações, sentimentos, habilidades e passam a vivenciar a sexualidade (OPAS, 2017). A faixa etária que compreende o período da adolescência, conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) é o período entre os 12 e 18 anos de idade (BRASIL, 2010).

Destaca-se que a sexualidade nesta etapa apresenta mudanças que vão além dos aspectos puramente biológicos, relacionando-se com fatores psicológicos e sociais, sendo influenciada em crenças e valores pessoais, os quais são passados e apreendidos na família, como também, em normas morais e nos tabus da sociedade (BRASIL, 2010). Nesta fase, a busca por diferentes experimentações facilita uma maior exposição a comportamentos de riscos, como abuso de álcool e drogas, violências, predisposição a infecções sexualmente transmissíveis (IST's) e gravidez indesejada (OPAS, 2017).

A ocorrência da gravidez na adolescência geralmente é abordada como indesejada, não planejada e pela falta de acesso a informações sobre os métodos anticoncepcionais (CAMPOS *et al.*, 2019). No entanto, nem sempre esses aspectos estão presentes e a gravidez nesta faixa etária pode estar atrelada a motivações individuais (FELTRAN *et al.*, 2019). As condições sociais, os fatores socio-políticos, culturais e psicológicos devem ser contextualizados, pois podem influenciar a escolha pela maternidade na adolescência (BRASIL, 2017).

Como questão de saúde pública, a gravidez na adolescência é um desafio, pois pode resultar em abortos provocados que podem evoluir para hemorragias, infecções e mortalidade materna (BRASIL, 2017), ou em outras intercorrências de saúde devido ao pré-natal tardio por medo da reação dos pais (CAMPOS *et al.*, 2019). Ainda, pode ser apontada como um risco psicossocial, visto que a

maternidade na adolescência pode acarretar no abandono dos estudos, dificuldade de acesso ao mercado de trabalho, perda do convívio social, falta de apoio familiar, entre outros (DIAS *et al.*, 2017).

Diante deste contexto, o tema da sexualidade deve abranger a informação, a discussão de comportamentos, sentimentos e valores, sendo tratado como um comportamento social. Ainda, as atividades de educação em saúde com ênfase na sexualidade, direcionadas aos adolescentes, além de proporcionarem o acesso à informação correta dos métodos contraceptivos, o esclarecimento de dúvidas sobre IST's e a orientação pela procura e pelo vínculo aos serviços de saúde, contribuem para que os adolescentes lidem com a sexualidade de forma responsável, preventiva e segura (BRASIL, 2010).

Assim, o objetivo deste estudo é mensurar a percepção dos adolescentes de uma escola estadual sobre a gravidez na adolescência, caracterizando a amostra quanto às variáveis relacionadas à gravidez na adolescência, além de investigar a associação entre gênero e idade com já ter tido relação sexual. Ainda, investigar a associação entre gênero e opinião quanto ao papel do pai e da mãe com a chegada de um bebê. Objetivou-se também, mensurar as mudanças na vida e os sentimentos frente à gravidez na adolescência, investigando suas associações com o gênero e a faixa etária.

MATERIAIS E MÉTODOS

Este estudo teve delineamento observacional, analítico, descritivo, quantitativo, transversal, com o intuito de apresentar a percepção dos adolescentes, de uma escola estadual do interior do Rio Grande do Sul, sobre a gravidez na adolescência (GIL, 2002). Para tanto, contou com a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Instituição de origem, sob número do CAAE_17829918.6.0000.5346. Cabe destacar, que se cumpriu com os princípios éticos e legais sobre a pesquisa com seres humanos, respeitando as exigências da Resolução do Conselho Nacional de Saúde-CNS N°466/2012 (BRASIL, 2012).

Esta pesquisa foi realizada na escola em questão a partir de um projeto de educação sexual desenvolvido por residentes de um Programa de Residência Multiprofissional Integrado no Sistema Público de Saúde, ênfase Materno-Infantil. Com duas turmas do 9º ano foram realizadas quatro oficinas de educação sexual, com a duração de cerca de 90 minutos cada, as quais abordaram diversos temas, incluindo gravidez na adolescência. Ainda, além de abordarem os temas envolvendo a sexualidade, as oficinas contemplaram materiais audiovisuais, banners, bonecas, métodos contraceptivos, órgãos reprodutores masculino e feminino, além de objetos para a realização de dinâmicas.

Para a composição amostral, foram incluídos todos os adolescentes que participaram das oficinas, que assinaram os Termos de Assentimento e cujos pais e/ou responsáveis assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Excluiu-se os adolescentes que não responderam os questionários na sua totalidade e/ou de forma inadequada.

O instrumento de coleta de dados utilizado foi um questionário semiestruturado, auto preenchível, anônimo, com questões fechadas sobre gravidez na adolescência, desenvolvido pelas autoras.

Esse instrumento de coleta contou com questões que caracterizavam o perfil dos adolescentes como idade, gênero e orientação sexual, além de abordar os seguintes assuntos: com que idade ocorreu a primeira relação sexual; se utilizavam métodos contraceptivos e quais eram; qual o local que adquiriam os métodos contraceptivos; de quem seria a responsabilidade para prevenir uma gravidez; qual o papel do pai e da mãe com a chegada de um bebê; quais as mudanças que a gravidez poderia trazer; e os sentimentos atrelados à gestação não planejada. As perguntas foram estruturadas de acordo com as falas referidas pelos adolescentes, nas oficinas anteriormente realizadas à aplicação do questionário e seguindo publicações de estudos anteriores nesta temática (COELHO *et al.*, 2016; COSTA *et al.*, 2018).

Os dados foram coletados no período de novembro a dezembro de 2019 em data acordada com as respectivas turmas, docentes e a direção da escola. O questionário foi aplicado na sala de aula, após ter sido realizada a leitura em conjunto do mesmo. Foi respeitada a opção de não participação da pesquisa aos adolescentes que assim desejaram.

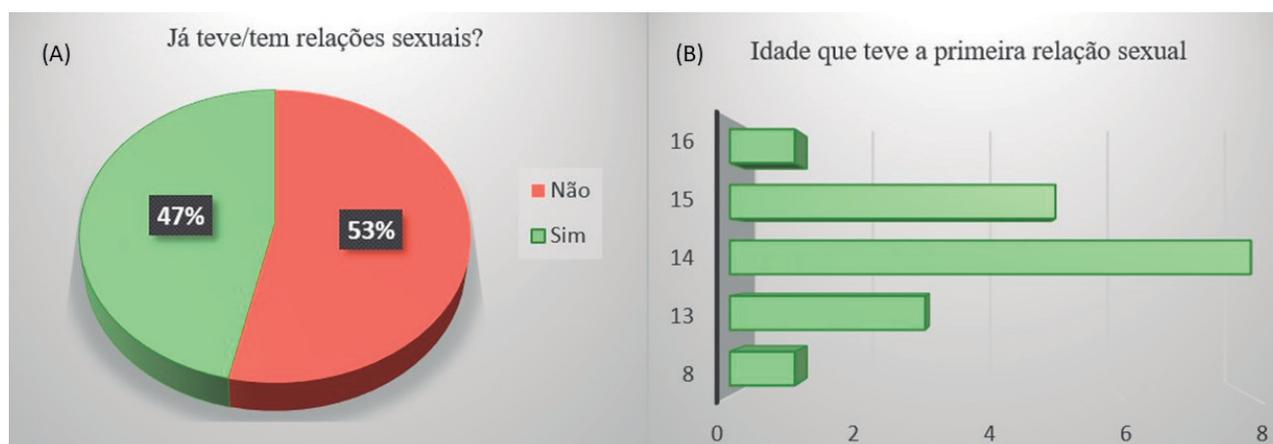
Dos 110 alunos matriculados no 9º ano do período diurno, 41 participaram da pesquisa, sendo que a população do estudo foi composta por 43 adolescentes. Os alunos que responderam a pesquisa tinham idades entre 13 e 17 anos (BRASIL, 2010), no entanto, a idade média se concentrou em 14,86 anos. Em relação ao gênero, 20 identificaram-se como sendo do gênero feminino e 21 do gênero masculino. Sobre a orientação sexual dos adolescentes, 35 se declararam heterossexuais, 2 homossexuais, 3 bissexuais, 1 pansexual e 2 não responderam.

Os dados obtidos por meio dos questionários foram digitados e armazenados em planilha eletrônica no Programa Microsoft Excel 2010. Para a análise dos resultados, foi realizada a análise descritiva das variáveis pesquisadas. Além disso, na análise estatística, foram utilizadas tabelas de contingência para descrição das frequências das variáveis e aplicado o teste qui-quadrado, para análises de associação entre elas. Considerou-se um nível de significância de 5% ($p < 0,05$).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com a análise descritiva dos dados, observou-se um percentual semelhante entre os participantes que já tiveram relação sexual e os que ainda não tiveram (Figura 1A). Ainda, foi possível verificar que 14 anos foi a idade em que um maior número de alunos teve a sua primeira relação sexual (Figura 1B).

Figura 1 - (A) Análise percentual de participantes que já tiveram relação sexual.
(B) Descrição da idade a qual os participantes tiveram a primeira relação sexual.



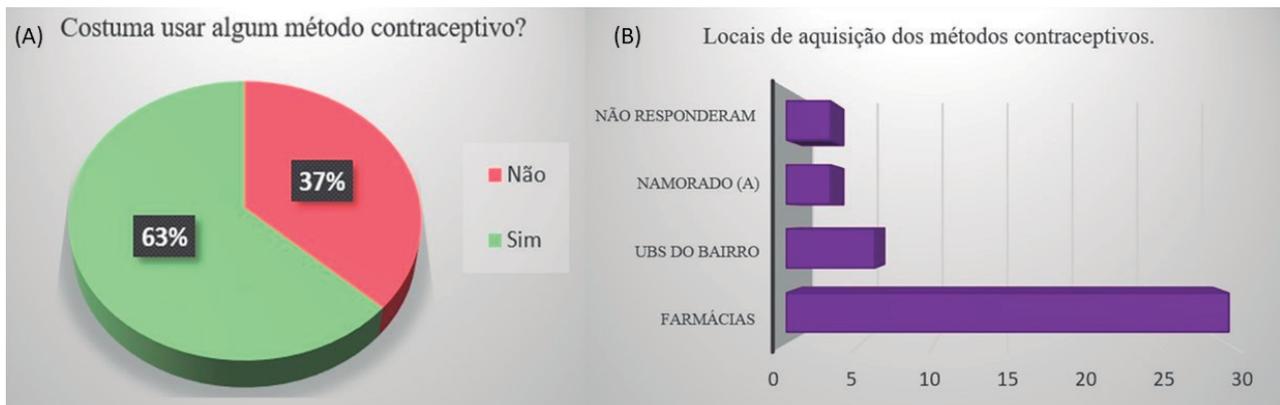
Fonte: desenvolvido pelas autoras

Resultados similares foram observados em outras pesquisas que mostraram que os adolescentes iniciaram sua vida sexual entre os 14 e 16 anos, ou até os 14 anos de idade (JEZO *et al.*, 2017; CHAVES *et al.*, 2014; GONÇALVES *et al.*, 2015; SILVA *et al.*, 2015). Este dado sustenta a importância da educação em saúde no contexto escolar, pois sabe-se que a falta de informação, a falta de experiência e a imaturidade nesta fase da adolescência, podem contribuir para o não uso de métodos contraceptivos, exposição à IST's e gravidez indesejada (OPAS, 2017).

Destaca-se que não houve associação entre o gênero e já ter relação sexual ($p=0,540$). Assim como também não houve associação entre a idade e já ter relação sexual ($p=498$). Estas análises foram realizadas por meio do Teste qui-quadrado. Isto é, os resultados, neste estudo, para relação sexual, independem do gênero, o que difere de outras pesquisas que mostram que o gênero masculino inicia a vida sexual mais precocemente (LINS *et al.*, 2017; BORGES *et al.*, 2016). Porém, mesmo que este estudo tenha mostrado um equilíbrio entre os gêneros, ainda são diferentes as formas de criação, as normas de comportamento e os papéis esperados dos gêneros feminino e masculino na sociedade, em que a mulher deve se resguardar para o casamento e reprodução, enquanto o homem é instigado desde cedo a comprovar sua masculinidade por meio da iniciação precoce à vida sexual (LINS *et al.*, 2017; BORGES *et al.*, 2016).

Em relação ao uso de métodos contraceptivos, é relevante destacar que embora a maioria dos jovens (63%) referiu utilizar, um percentual significativo de jovens relatou não usar métodos contraceptivos (37%) (Figura 2A). Quanto ao local de aquisição dos mesmos, a maioria dos jovens referiu adquirir na farmácia (Figura 2B).

Figura 2 - (A) Análise percentual quanto ao uso de métodos contraceptivos.
(B) Análise descritiva dos locais de aquisição dos métodos contraceptivos.



Fonte: desenvolvido pelas autoras
Legenda: UBS = Unidade Básica de Saúde

Nesse contexto, alguns estudos referem que a maioria dos jovens utiliza tais métodos (BORGES *et al.*, 2016; BRASIL, 2010). Em contrapartida, outros autores referem que os jovens não utilizam (CAMPOS *et al.*, 2019; SILVA *et al.*, 2015; VIEIRA *et al.*, 2016). Estudos demonstram que os adolescentes mesmo sabendo dos riscos e consequências, deixam de usar os métodos contraceptivos (COSTA *et al.*, 2018; SILVA *et al.*, 2015; SANTOS *et al.*, 2016; PLUTARCO *et al.*, 2019). Esse fato está ligado a diversos fatores como, não saberem usar, ou uso incorreto, por exemplo, da pílula oral, oposição do parceiro, desconforto, estarem em um relacionamento sério e a crença de que não vão engravidar (SILVA *et al.*, 2015; SANTOS *et al.*, 2016; PLUTARCO *et al.*, 2019).

Quanto ao local de aquisição dos mesmos, a maioria dos jovens referiu adquirir na farmácia (Figura 2B), esses resultados também foram encontrados na literatura (MACIEL *et al.*, 2017; OLSEN *et al.*, 2018). Tal achado pode estar ligado ao fato de que na farmácia os jovens não têm vergonha de adquirir o contraceptivo, ou por ser um local de fácil acesso. Entretanto, chama atenção, pois infere-se que há pouco vínculo dos adolescentes com as Unidades Básicas de Saúde (UBS), as quais seriam o local ideal para o esclarecimento de dúvidas, informação sobre o método mais adequado e sua utilização. Isto é, evidenciado também por estudos que mostram que os adolescentes não possuem tal vínculo com as UBS e com os profissionais de saúde, e esses têm pouca representatividade no que tange o acesso à informação (SHOR *et al.*, 2016; LEAL *et al.*, 2018; MACIEL *et al.*, 2017; VIEIRA *et al.*, 2016).

Quanto ao método mais confiável para prevenir uma gravidez, 34,9% dos jovens acredita ser o preservativo, 14% a pílula, 9,3% o dispositivo intrauterino (DIU), 7% a laqueadura, 4,7% a vasectomia e 3,2% não referiram nenhum método. Para tais análises foi considerado apenas os jovens que informaram já ter tido relação sexual. Esse achado também é observado em outras pesquisas, as quais mostram que os métodos mais utilizados pelos adolescentes são o preservativo seguido da pílula e dos injetáveis (BRASIL, 2010; LINS *et al.*, 2017; CHAVES *et al.*, 2014; SERRA, 2017; OLSEN *et al.*, 2018; MACIEL *et al.*, 2017).

A tendência do uso de preservativo pela maioria dos jovens pode estar ligada à acessibilidade em adquirir o método, tendo em vista que a pílula e os injetáveis necessitam de orientação médica, e o preservativo pode ser adquirido em qualquer farmácia (BORGES *et al.*, 2016; PLUTARCO *et al.*, 2019). Cabe destacar que em um estudo realizado com 209 adolescentes em Bacabal no Maranhão, acerca dos métodos contraceptivos, mostrou que o método mais utilizado depois do preservativo era a pílula do dia seguinte, seguida do coito interrompido (SERRA, 2017). Ainda, as adolescentes referiram não conhecer a maioria dos métodos contraceptivos e nunca terem visto a camisinha feminina, o que mostra que não possuem informação suficiente sobre os métodos.

Esse resultado também foi percebido nesse estudo, pois a camisinha feminina não foi citada por nenhum adolescente como método contraceptivo. Outro estudo também mostra que a camisinha feminina, o anel vaginal e o adesivo são os métodos contraceptivos menos conhecidos entre os adolescentes (OLSEN *et al.*, 2018). Isso pode estar ligado ao fato de o preservativo feminino ter menor divulgação nas mídias do que o preservativo masculino e a pílula anticoncepcional, como também, pelas concepções morais, sociais e culturais que predominam mitos, tabus e preconceitos no desenvolvimento da sexualidade feminina (OLIVEIRA, REZENDE, GONÇALVES, 2018).

Outro fato importante é sobre a eficiência dos métodos utilizados pelos adolescentes. Conforme dados do Ministério da Saúde, o preservativo, se utilizado de forma correta, além da proteção para IST's, tem maior eficácia para prevenção da gravidez (BRASIL, 2010). A pílula anticoncepcional, segundo método mais utilizado, se utilizada correta e regularmente, é muito eficaz, sendo sua taxa de falha de 0,1% (uma mulher grávida para cada 1.000). O coito interrompido é considerado um método comportamental, apesar de ser muito utilizado, não é recomendado pela sua grande possibilidade de falha. Já a pílula do dia seguinte não deve ser utilizada como método contraceptivo, e sim, um método de emergência para evitar uma gravidez indesejada (BRASIL, 2010).

No que se refere à responsabilidade de prevenir uma gravidez, 93% dos participantes indicou ser de ambos, ou seja, do homem e da mulher. Além disso, verificou-se que a maioria (70%) acredita que o papel do pai com a gravidez e com a chegada do bebê é o mesmo que o da mãe, isto é, o pai tem os mesmos deveres. Apesar do estudo apresentar uma mudança em relação ao papel do pai, essas transformações não estão consolidadas na sociedade (JAGER, BOTTOLI, 2011). Entretanto, uma porcentagem significativa (21%), acredita que o pai deve apenas ajudar. Nos dias de hoje, ainda se observam concepções relacionadas aos papéis de gênero em que a sociedade atribui à mulher responsabilidades e dedicação maiores que o homem em relação aos afazeres domésticos e aos cuidados dos filhos (BERNARDI, 2017). Chama-se atenção ao fato de que ao analisar a variável gênero, observa-se associação entre tal variável e a opinião quanto ao papel do pai ($p=0,004^*$), por meio do Teste qui-quadrado. A maioria dos participantes do gênero feminino referiram que o pai tem os mesmos deveres que a mãe, em contrapartida, a maioria dos participantes do gênero masculino referiram que o papel do pai é apenas ajudar.

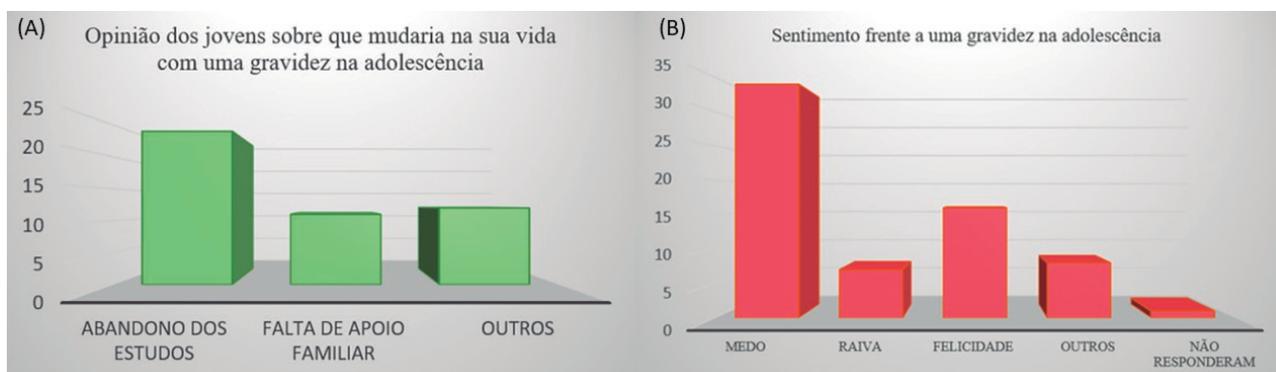
Os papéis sociais esperados de cada gênero são projetados desde a infância, por exemplo, pelos brinquedos que são ofertados às crianças, em que os destinados ao gênero feminino relacionam-se a utensílios de cozinha, objetos de casa e cuidado de bebês, e os do gênero masculino relacionam-se com esporte, jogos, carros e diversão (COELHO, 2017; BERNARDI, 2017). Desse modo, para as mulheres, o cuidar de bonecas, desde a infância, representa, após a chegada de um bebê, a concretização de algo que ela já tem conhecimento, enquanto para os homens, o brincar de bonecas está relacionado a homossexualidade e não a paternidade (BERNARDI, 2017).

Essa desigualdade entre os gêneros pode ser observada também em relação ao período de licença-maternidade e de licença-paternidade dos trabalhadores em regime de Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), em que a mulher goza de 120 dias de licença, enquanto o homem, geralmente, o período é de apenas 5 dias (BRASIL, 1943). Está em curso no país o Projeto de Lei 559/2020 que garante a licença-paternidade de 20 dias para todos os trabalhadores CLT, sem prejuízo do emprego e do salário, no entanto, ainda precisa ser aprovado e sancionado (BRASIL, 2020). Isso reafirma as concepções de que os cuidados dos filhos são destinados às mulheres (BERNARDI, 2017). Estudos mostraram que mulheres que engravidaram na adolescência referiram que foram responsáveis pelos cuidados dos bebês sozinhas, sendo um fator estressante a falta de apoio do pai da criança, ou este não assumir a paternidade (COELHO *et al.*, 2016; CAMPOS *et al.*, 2019). Ainda, os achados dos estudos mostraram que os planos futuros das adolescentes que engravidaram eram os cuidados com a casa, os filhos e o companheiro (SANTOS *et al.*, 2016; DIAS *et al.*, 2017).

Além disso, sobre o que mudaria em suas vidas com uma gravidez na adolescência, os participantes referiram que o abandono dos estudos seria a principal mudança (Figura 3A) e que o medo seria o principal sentimento frente a essa situação (Figura 3B).

Figura 3 - (A) Análise descritiva da opinião dos jovens sobre o que mudaria na sua vida com uma gravidez na adolescência (n=43).

(B) Análise descritiva do sentimento dos participantes frente a uma gravidez na adolescência (n= 43).



Fonte: desenvolvido pelas autoras.

Estudos que pesquisaram quais foram as mudanças na vida de jovens com a gravidez na adolescência mostraram que a maioria dos adolescentes, ou teve dificuldade de continuar os estudos,

ou abandonou por falta de tempo, vergonha, receio de sofrerem preconceito na escola, terem que realizar os cuidados do bebê, ou terem que conseguir um emprego para o sustento da criança (CAMPOS *et al.*, 2019; CRUZ *et al.*, 2016; RODRIGUES *et al.*, 2019). Ainda, os estudos mostraram que as adolescentes que engravidaram referiram ter sofrido preconceitos e julgamentos da sociedade, pois essa carrega valores morais e sociais, em que a gestação só é aceitável após o casamento (COELHO *et al.*, 2016; COSTA *et al.*, 2018).

O medo foi apontado como o principal sentimento frente a essa situação (Figura 3B). Esse sentimento também foi achado em estudos com adolescentes (COELHO *et al.*, 2016; RODRIGUES *et al.*, 2019; MATOS *et al.*, 2019; DIAS *et al.*, 2017). Alguns referiram ter medo da reação e conduta dos pais diante da gravidez (COELHO *et al.*, 2016; MATOS *et al.*, 2019), outros relacionaram o sentimento de medo à fragilidade da rede de apoio familiar, de serem julgadas, de terem outros filhos e de não alcançarem os objetivos planejados (MATOS *et al.*, 2019; DIAS *et al.*, 2017).

No entanto, estudos mostraram que o apoio familiar e a aceitação da gravidez pela família foram fatores determinantes para a mudança dos sentimentos negativos como o medo, em que a figura da mãe apareceu como confidente e primeira pessoa da família que os adolescentes procuraram para contar sobre a gravidez, além de representarem o apoio necessário no cuidado com os netos para a continuidade dos objetivos planejados na adolescência (COELHO *et al.*, 2016; COSTA *et al.*, 2018; MATOS *et al.*, 2019).

Nesse contexto de gravidez não planejada, as ações de educação em saúde desenvolvidas por profissionais de saúde nas escolas são meios importantes de disponibilizar o acesso ao conhecimento correto, ao esclarecimento de dúvidas e ao incentivo aos adolescentes a procurar as Unidades de Saúde, além de proporcionarem a estes a realização de escolhas de forma consciente e segura. Diante da realidade de desconhecimento de alguns métodos e de diferentes formas de pensar as responsabilidades em torno de uma gestação, são necessárias parcerias entre as equipes de saúde e as escolas que favoreçam a educação sexual através do diálogo, de forma clara, objetiva e dinâmica, visando a promoção e prevenção da saúde dos adolescentes (LINS *et al.*, 2017; RESENDE *et al.*, 2008; CHAVES *et al.*, 2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do presente estudo foi analisar as percepções dos adolescentes acerca da gravidez na adolescência, e o mesmo apresentou com clareza a opinião dos jovens em relação ao assunto. Verificou-se que 47% dos participantes já tiveram relação sexual e que a maioria, independentemente do gênero, teve a sua primeira relação sexual aos 14 anos. Quanto ao uso de métodos contraceptivos, a maioria dos jovens referiu utilizar e adquirir na farmácia. Ademais, a maioria dos participantes acredita ser o preservativo o método mais confiável.

Além disso, 93% dos participantes referiram que a responsabilidade de prevenir uma gravidez é de ambos os gêneros. Entretanto, 70% acredita que o papel do pai com a gravidez e com a chegada

do bebê é o mesmo que o da mãe. Ainda, observou-se associação entre o gênero e a opinião quanto ao papel do pai. A opinião entre os gêneros e entre as idades é a mesma para sentimentos e mudanças frente a uma gravidez na adolescência. Os participantes destacaram o abandono dos estudos como principal mudança na sua vida e o medo como o principal sentimento frente a essa situação.

Essa pesquisa oportunizou aprendizados e reflexões críticas sobre a temática e destacou a importância das ações de educação em saúde desenvolvidas no contexto escolar. No entanto, as limitações desse estudo encontram-se no número de participantes, em que foi possível aplicar o questionário para apenas duas turmas do 9º ano. Sugere-se que novos estudos sejam realizados, abrangendo mais participantes e turmas, além de ações que permitam os profissionais e os serviços de saúde aproximarem-se da realidade dos adolescentes, possibilitando um cuidado integral da sua saúde e sexualidade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Ministério da Saúde**. Diretrizes nacionais para a atenção integral à saúde de adolescentes e jovens na promoção, proteção e recuperação da saúde. Brasília: Série A. Normas e Manuais Técnicos; 2010. 132 p.

BRASIL. **Câmara dos Deputados**. Projeto de Lei 559/2020. Acrescenta artigo à Consolidação das Leis do Trabalho, aprovada pelo Decreto-lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, para dispor sobre a licença-paternidade. Brasília, 2020.

BRASIL. **Ministério da Saúde**. Secretaria de Atenção à Saúde. Proteger e cuidar da saúde de adolescentes na atenção básica. Brasília, 2017, 234 p.

BRASIL. **Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012**. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Ministério da Saúde 2012, 12 dez.

BRASIL. **Decreto lei nº 5452, de 1 de maio de 1943**. Aprova a consolidação das leis do trabalho. Diário Oficial da União 1943; 1 de mai.

BERNARDI, D. Paternidade e cuidado: novos conceitos, velhos discursos. **Psicologia Revista**, v. 26, n. 1, p. 59-80, 2017.

BORGES, A. L. V. *et al.* ERICA: início da vida sexual e contracepção em adolescentes brasileiros. **Revista de Saúde Pública**, 50(supl 1):15s, 2016.

CAMPOS, C. A. T. *et al.* Percepção de adolescentes grávidas sobre a gestação precoce. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v.22, n. 22, p. 2-9, 2019.

COELHO, A. C. L. *et al.* E se fosse comigo? Representação social de adolescentes sobre gravidez. **Interdisciplinary Journal of Health Education**, v. 1, n. 2, p. 73-82, 2016.

COELHO, L. A economia e a vida de homens e mulheres. **Cristina C. Vieira (org.), Conhecimento, Género e Cidadania no Ensino Secundário**, Lisboa, p. 423-452, 2017.

COSTA, G. F. *et al.* Fatores psicossociais enfrentados por grávidas na fase final da adolescência. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, v. 31, n. 2, p. 1-8, 2018.

CHAVES, A. C. P. *et al.* Conhecimentos e atitudes de adolescentes de uma escola pública sobre a transmissão sexual do HIV. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 67, n. 1, p. 48-53, 2014.

CRUZ, M. S. *et al.* **Perfil socioeconômico, demográfico, cultural, regional e comportamental da gravidez na adolescência no Brasil**, v. 46, p. 243-266, 2016.

DIAS, P. M. M. *et al.* Repercussões da gravidez na adolescência na vida da mulher adulta. **Revista Rene**, v. 18, n. 1, p. 106-13, 2017.

FELTRAN, E. C. *et al.* Percepções de mães adolescentes acerca das expectativas e experiências da maternidade na adolescência. **Investigação Qualitativa em Saúde**, v 2, p. 519-526, 2019.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GONÇALVES, H. I. *et al.* Início da vida sexual entre adolescentes (10 a 14 anos) e comportamentos em saúde. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 18, n. 1, p. 1-18, 2015.

JAGER, M. E; BOTTOLI, C. Paternidade: vivência do primeiro filho e mudanças familiares. **Revista Psicologia: teoria e prática**, v. 13, n.1, p. 141-153, 2011.

JEZO, R. F. V. *et al.* Gravidez na adolescência: perfil das gestantes e mães adolescentes em uma unidade básica de saúde. **Revista de Enfermagem do Centro Oeste Mineiro**, v. 7, p. 1-8, 2017.

LEAL, C. B. M. *et al.* Assistência de Enfermagem ao Público Adolescente na Atenção Primária. **Revista Enfermagem Atual In Derme**, v. 86, n. 24, p. 1-9, 2018.

LINS, L. S. *et al.* Análise do comportamento sexual de adolescentes. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, v. 30, n. 1, p. 47-56, 2017.

MACIEL, K. M. N. *et al.* Caracterização do comportamento sexual de adolescentes. **Revista Enfermagem Universidade Estadual do Rio de Janeiro**, v. 25, p. 1-7, 2017.

MATOS, G. C. *et al.* Rede de apoio familiar à gravidez e ao parto na adolescência: uma abordagem moscoviciana. **Journal of Nursing and Health**, v. 9, n.1, p. 1-9, 2019.

OLIVEIRA, E. L; REZENDE, J. M; GONÇALVES, J. P. História da sexualidade feminina no Brasil: entre tabus, mitos e verdades. **Revista Ártemis**, v. 26, n. 1, p. 303-314, 2018.

OLSEN, J. M. *et al.* Práticas contraceptivas de mulheres jovens: inquérito domiciliar no Município de São Paulo, Brasil. **Caderno de Saúde Pública**, v. 34, n. 2, p. 1-17, 2018.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS). Saúde e sexualidade de adolescentes. Brasília: DF/MS, 2017.

PLUTARCO, L. W. *et al.* A influência da confiança no parceiro na decisão do uso da camisinha. **Psicologia Saúde & doença**, v. 20, n. 1, p. 220-233, 2019.

RESENDE, L. V. *et al.* Concepções metafóricas de adolescentes grávidas sobre sexualidade, gravidez e maternidade: um enfoque de gênero. **Anais do XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, p. 1-19, 2008.

RODRIGUES, L. S. *et al.* Gravidez na Adolescência: suas implicações na adolescência, na família e na escola. **Revista Educação e Emancipação**, v. 12, n. 2, p. 228-252, 2019.

SANTOS, N. L. B. *et al.* A Percepção de Mães Adolescentes Sobre seu Processo de Gravidez. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 8, n. 2, p. 83-96, 2016.

SERRA, C. B. **Educação em sexualidade na escola**: um projeto com adolescentes. [dissertação]. Coimbra: Escola Superior de Tecnologia de Saúde de Coimbra, 2017.

SILVA, G. S. *et al.* Comportamento sexual de adolescentes escolares. **Revista Mineira de Enfermagem**, v. 19, n. 1, p. 161-166, 2015.

SILVA, M. R. B. *et. al.* Porque elas não usam? Um estudo sobre a não adesão das adolescentes ao preservativo e suas repercussões. **Revista Saúde em Redes**, v. 1, n. 14, p. 75- 83, 2015.

SCHOR, N. *et al.* Adolescência: vida sexual e anticoncepção. **Anais do XI Encontro Nacional de Estudos Populacionais da ABEP**, p. 213-239, 2016.

VIEIRA, E. L. *et al.* Uso e conhecimento sobre métodos contraceptivos de estudantes da rede de ensino pública e privada do município de Bacabal-MA. **Revista Científica do Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos**, v. 9, n 8, p. 7-107, 2016.

